

MOVIMENTO PUCVIVA COMEMORA 20 ANOS

Os meses de setembro, outubro e novembro de 1992 marcam um dos momentos mais importantes da história recente da PUC-SP. É quando professores, funcionários e estudantes unem-se para reivindicar uma universidade autônoma, socialmente compromissada, democrática e pluralista: é o movimento PUCviva que consegue afastar de cena a primeira intervenção da Fundação São Paulo na universidade.

Durante a gestão da professora Leila Bárbara, em 1991, assume o secretário-executivo da Fundasp, Vicente Bezinelli, com o intuito de instaurar um novo projeto de gestão universitária. Para isso o novo gestor cria uma duplicidade de poderes, desvinculando as áreas administrativas e financeiras dos centros de gestão acadêmica. As propostas de Vicente Bezinelli encaminhavam para a viabilização de ações que privilegiavam os professores de maior projeção (criando as chamadas "ilhas de excelência"), enquanto que a maioria se submetia a um contrato próximo ao de hora-aula.

Como reação a esta situação e também ao atraso de pagamentos, professores e funcionários iniciam em 24/9 de 1992 a maior greve da história da universidade.

A Fundação radicaliza e resolve instaurar uma auditoria acadêmica com parâmetros alheios às decisões da comunidade. No dia 13/10 professores, funcionários e estudantes realizam uma passeata pelas ruas de São Paulo até a Cúria Metropolitana onde foram recebidos por Dom Paulo Evaristo Arns.

Nos jornais de São Paulo apareciam anúncios dos manifestantes do tipo "Universidade de boa qualidade procura Mantenedora responsável - S.O.S. PUC". Simbolicamente a comunidade realizava o enterro de Vicente Bezinelli.

Em 23/11, depois de três meses paralisados, professores e funcionários retomam suas atividades, depois da garantia de recebimento de seus salários atrasados e mais do que isto, com a certeza de que a intervenção da Fundasp iria terminar, como de fato terminou, logo após a posse do novo reitor professor Joel Martins.

O movimento ficou conhecido como PUCviva, em função dos comentários que os adversários faziam sobre a mobilização. Diziam que aquela seria a última greve da PUC-SP pois, depois dela a universidade não teria condições de se reerguer. Porém, professores, estudantes e funcionários

mobilizados respondiam que, pelo contrário, este seria um movimento que manteria a PUCviva. No dia 7/12 as associações convocaram uma manifestação que lotaria o TUCA, reunindo professores como Maurício Tragtemberg, Florestan Fernandes, Chico de Oliveira, Perseu Abramo, entre outros. O ato foi noticiado através de um jornal tabloide de oito páginas, que se constituiu no embrião do futuro jornal PUCviva, que iniciou sua circulação regular em agosto de 1993. A professora Madalena Peixoto, então presidente da APROPUC, declarou no primeiro número da revista PUCviva: "o exemplo do movimento PUCviva nos mostra que somente uma comunidade organizada conseguirá uma real autonomia universitária, onde possamos deliberar efetivamente sobre a condução acadêmica e comunitária da PUC-SP."

Uma reportagem mais detalhada do movimento PUCviva foi feita na revista **PUCviva** nº 1, que se encontra no site da APROPUC www.apropucsp.org.br

REPETIÇÃO DA HISTÓRIA

Porém a Fundasp não desistiu de suas intenções e em 2006, após a posse



Capa do jornal PUCviva de dezembro de 1992

da professora Maura Veras, que não consegue debelar a crise aguda da universidade, a Fundação São Paulo instala-se na PUC-SP com muito mais atribuições e constitui-se em um novo poder, definindo as principais decisões financeiras da universidade. Esse poder se consolida através do novo estatuto, com a instauração do Consad, na gestão do professor Dirceu de Mello, onde teoricamente tudo pode ser resolvido com os dois votos da Fundação contra apenas um do reitor. A trajetória do movimento PUCviva está presente na maioria das mentes daqueles que o vivenciaram, principalmente em um momento de intervenção aberta da mantenedora nos caminhos da universidade.

Debate marca lançamento de livro do professor Vito Letizia

Acontece nesta quinta-feira, 25/10, às 19h30, na sede da APROPUC, o lançamento do último livro do professor de Economia da PUC-SP, Vito Letizia, falecido em 8/7/2012.

"A grande crise rastejante" aborda a crise do capital e suas consequências para o planeta com a tradicional maestria de Letizia. O livro tem uma importância singular para a compreensão da conjuntura, pelo método de análise empregado para compreendê-la. Ao refletir sobre o lugar da China no mundo contemporâneo, por exemplo, Vito Letizia não se contenta com agrupar os dados mais imediatos, mas mergulha fundo na história do país, para daí extrair as consequências de longo alcance. O mesmo método é empregado nos demais textos: "A grande crise aberta em 2007" se debruça sobre a gênese e o desenvolvimento do processo iniciado pelo estouro da "bolha" nos Estados Unidos; "A crise rastejante" procura detectar as suas especificidades em relação a outras tantas crises do capital; finalmente, as duas entrevistas publicadas junto ao livro tentam dar conta da situação conjuntural na América Latina ("Estamos apenas no início de uma crise mundial") e do panorama mais geral, com ênfase para o Brasil ("Destrução da Amazônia financia crescimento brasileiro").

Mas o método está a serviço de um fim preciso: a luta contra o capital.



Vito Letizia não se contenta com agrupar os dados mais imediatos, mas mergulha fundo na história do país, para daí extrair as consequências de longo alcance.

Letizia leva ao pé da letra a recomendação feita por Karl Marx em suas teses contra Ludwig Feuerbach: não basta interpretar o mundo, o que importa é transformá-lo.

LUTA REVOLUCIONÁRIA

Vito Letizia dedicou a vida à luta revolucionária. Em maio de 1970 foi preso pela ditadura, quando integra a Fração Bolchevique Trotskista, e libertado quase três anos depois. Após um período de exílio na França, voltou ao Brasil, onde ajudou a fundar, em novembro de 1976, a Organização Socialista Internacionalista (OSI), com a qual rompeu dez anos mais tarde. Durante duas décadas foi professor de Economia Política da PUC-SP. Nos últimos anos de vida militou brevemente no PSOL e dirigiu os seus esforços no sentido de realizar um "retorno à

Marx", com o objetivo de recuperar a sua originalidade revolucionária e exercer a crítica dos vários marxismos que o sucederam. Em sua última participação pública num ato político, realizado na APROPUC, em 25/10/2011, lançou o grupo Interludium, que mantém um site homônimo.

O debate terá a presença dos professores da PUC-SP José Arbex Jr., do Departamento de Jornalismo, Olívia Carolino e Rosa Marques, ambas da FEA.

PUC Junior pede nova sala ao Consad

Os estudantes membros da PUC Junior, empresa onde os estudantes da Faculdade de Economia e Administração podem estagiar, atendendo a micro, pequenas e médias empresas, estiveram presentes no último Consad, na quarta-feira, 17/10, para pedir ao reitor Dirceu de Mello e os conselheiros que avaliem a possibilidade de realocar a sede da entidade para outra sala dentro da universidade. Os membros da empresa pediram a palavra e relataram aos presentes que as condições de trabalho na atual sala da PUC Junior são insalubres, já tendo acontecido casos de funcionários passarem mal dentro da sala e serem levados a hospitais próximos. "A sala da PUC Junior recebe constantemente estudantes e clientes, e por isso precisamos de um local melhor, não é questão de estética, é questão de saúde" esclareceram.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira, 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua João Ramalho, 182, 7º andar – Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 – **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br – **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Roberto de Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischtorf

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

A voz do Hip Hop ecoa nas páginas da nova revista Cultura Crítica



MARINA DAQUINO

Acima, mesa de lançamento da Revista Cultura Crítica

O Hip Hop, cultura musical falada, marcada e cortante, é o tema central da Revista *Cultura Crítica* Nº14. A mais nova edição da publicação especializada em cultura da APRO-PUC foi lançada na noite de quinta-feira, 18/10, no auditório 333 do Prédio Novo, colocando em debate a história, as características, as transformações e as tensões do Rap, grafite, brake, DJ's e MC's.

Mediada pelo integrante da APROPUC e editor da revista João Batista da Silva, a mesa de debates foi composta por convidados das mais variadas áreas do saber. Rafael Lopes de Souza, professor da UNISA, Wiliam de Goes Ribeiro, professor da UERJ, Tatiana Galvão, professora da UFRJ e Thais Arcari, formada em Letras pela PUC-SP, contribuíram com artigos para composição da *Cultura Crítica* e estiveram presentes para exposição de suas respectivas contribuições.

Professor de História, Rafael de Souza expôs a historiografia que compõe a formação das culturas que deram origem ao Hip Hop e ao Rap. Ele percorreu as periferias dos EUA e do Brasil e viajou à África para tentar entender os gestos, os gritos, os costumes que marcam esse ritmo e

cultura musical.

Em São Paulo, Rafael viveu a realidade do Capão Redondo, Jardim Ângela e outros bairros da zona sul para cunhar o termo "República dos Manos", segundo o qual o Hip Hop carrega consigo certa unidade linguística, territorial e mesmo moral. Ele afirma que o Hip Hop é também fruto de uma geração cujos pais estiveram alijados do jogo político e que agora sente a importância de difundir suas linguagens, sua identidade e agir politicamente. É a "cultura da periferia para divulgar valores da periferia", destaca.

VOZES DA PERIFERIA

Já Tatiana Galvão focou sua intervenção em como o Hip Hop, apesar da tendência do capitalismo de apropriação privada do sentido das coisas, consegue impor uma barreira de resistência à indústria cultural e à mercantilização da cultura do ritmo. Isso, de acordo com ela, reflete como o rap consegue politizar a cultura, por um lado, e levar a cultura para a arena política, por outro, tendo sempre suas raízes fincadas nas periferias urbanas.

Em sua pesquisa, Tatiana analisou o comportamento de três conheci-

das vozes do rap nacional: MV Bill, Mano Brown e Ferréz. Segundo ela, os três podem ser considerados responsáveis, cada um à sua maneira e medida, pela miscigenação cultural que o Hip Hop proporcionou, extravasando as barreiras da periferia e chegando aos centros e à classe média. MV Bill mais poliglota e comercial, Mano Brown mais politizado e radical, e Ferréz numa postura intermediária, todos eles porta-vozes dessa cultura.

RAIZ

Wiliam Ribeiro, por sua vez, apresentou seu projeto de mestrado em educação, no qual foi problematizada a reprodução do racismo nas escolas, a partir do intercâmbio entre jovens de diferentes classes e origens sociais e da ideia de multiculturalismo, que provoca choques entre culturas e cria tensões sociais.

Ele trabalhou com o grupo de rap de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, RAIZ (Raça, Atitude, Integração, Zumbi) e imergiu nas diferenças e diversidades que compõem o Hip Hop para desconstruir o ideal de branqueamento com o qual ele se deparou em sala de aula.

RITMO E POESIA

Thais Arcari foi a última a apresentar seu texto e falou sob o ponto de vista da linguística. Ela, enquanto tradutora, colocou as possibilidades e a dificuldade de traduzir dialetos, gírias de um local específico, mantendo a originalidade do seu significado. Além disso, Arcari resgatou a origem da própria palavra Rap, que quer dizer "Ritmo e Poesia" (Rhythm and Poetry, do inglês), ou ainda pode significar o verbo contar, falar. O que expressa o caráter oral, falado e marcado do Hip Hop.

Após as intervenções, o público presente teve a oportunidade de intervir e questionar os convidados, trazendo novos elementos para o debate.

O lançamento da Revista *Cultura Crítica* Nº 14, assim como a organização de demais publicações e atividades ao longo desse ano, fez parte do calendário de atividades em comemoração aos 35 anos da APRO-PUC, foi transmitido ao vivo e pode ser visto no site da entidade (<http://www.apropucsp.org.br>). Para retirar a *Cultura Crítica* sobre o Hip Hop, é preciso passar na sede da associação, Rua Bartira, 407.

Labuta Pontifícia estimula Rap e Hip Hop na PUC-SP

A PUC-SP sempre foi lugar de disseminação de variadas vertentes culturais e de inúmeras intervenções artísticas. Nos últimos meses, mais uma dessas iniciativas ganhou força em meio à comunidade acadêmica: a Labuta Pontifícia.

Já parte importante do calendário de atividades culturais na PUC-SP, a Labuta acontece todas as terças-feiras na Prainha e busca fortalecer a cultura do Rap na universidade. Do final do ano passado, quando começaram a acontecer regularmente os encontros de rappers, até agora o público só tem aumentado, reflexo da consolidação da Labuta Pontifícia.

De acordo com Tarik Argemim, estudante de Direito e um dos organizadores do evento, "a ideia de realizar esse encontro é trazer a resis-



FOTOS ROBERTO DE OLIVEIRA

À esquerda, DJ com equipamento tradicional do Rap; acima, parte da Prainha lotada pelos presentes

tência [simbolizada pelo Rap] para a PUC-SP, ocupando seu espaço".

Entre outros, um fator tem sido fundamental para o crescimento da festa, a presença de convidados de fora da comunidade. Nas últimas semanas têm sido cada vez mais frequentes

as visitas de MC's e DJ's com diferentes influências de música negra e, em especial, de rap nacional.

Na última terça-feira, 16/10, por exemplo, estiveram na Labuta Pontifícia o rapper Rhossi e o DJ EB, ambos do Pavilhão 9, grupo

de Rap paulistano. O evento lotou de pessoas desde a entrada da quadra até a curva do rio, formando um mar de gente pela Prainha. Aos poucos, a cultura Hip Hop do DJ, do brake, do grafite e do MC parece estar se enraizando na PUC-SP.

Michael Löwy realiza mini-curso na PUC-SP

O pensador marxista brasileiro, radicado na França, Michael Löwy ministrou um mini-curso na PUC-SP entre os dias 16 e 18/10. O primeiro debate foi sobre "Marx, Engels e a opressão das mulheres", onde Löwy, usando exemplos tirados das obras de ambos os autores, mostrou as relações opressoras enfrenta-

das pelas mulheres no século XIX, e o avanço dos autores na questão do feminismo, que em muitas das obras foi deixado de lado ou tratado de maneira errônea, como em obra de Engels em que o autor expôs que as mulheres precisam ficar em casa para não desestabilizar a família, e mostrando que é importante

que as mulheres se organizem para acabar com as opressões diárias que sofrem. O segundo debate foi sobre "A questão do indivíduo em Marx", onde o estudioso explicou que na sociedade burguesa supostamente há promoção do indivíduo, mas joga-se uns contra os outros, tornando a sociedade uma guerra de todos contra todos, além de explicar o que é a dialética. Usando a obra A Ideologia Alemã, de Marx e Engels, o escritor colocou que o capitalismo promove a divisão do trabalho, sendo que a maior parte dos indivíduos não pode escolher a atividade que exercerá e provavelmente não poderá trocá-la depois. O assunto do dia 18/10 do curso foi

"Marx e a luta pela redução da jornada de trabalho", onde o professor debateu os motivos para a redução da jornada, além de explicar o surgimento do dia 1º de Maio, dia de luta dos trabalhadores, e não do trabalho, como destacou. Löwy mostrou também que é impossível expandir sem limites a produção pois o mundo é finito, e o mundo está caminhando para um desastre ecológico. Todos os debates foram coordenados pela professora Raquel Rachelis, do Serviço Social com promoção do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, com apoio da Faculdade de Ciências Sociais.



ANNA GABRIELA COELHO

O escritor Michael Löwy durante o mini-curso na PUC-SP

FALA COMUNIDADE

A Precarização tem rosto de mulher: a luta das trabalhadoras terceirizadas da USP

Diana Assunção

No dia 3/10 estive junto a estudantes do curso de Serviço Social da PUC-SP que tiveram a oportunidade de conhecer, através da grade curricular deste curso, a história de luta das trabalhadoras terceirizadas da Universidade de São Paulo, que desde 2005 deixaram marcada sua pequena luta na história. Essa oportunidade foi possível principalmente através da atuação da Professora Maria Beatriz Abramides que não somente escreveu a apresentação do livro "A precarização tem rosto de mulher", como o incluiu na bibliografia do Núcleo Relações de Trabalho do curso de Serviço Social, do qual é professora. Isto possibilitou um importante encontro entre professora, estudantes e autora de uma publicação que busca colocar luz sobre as pequenas experiências da classe operária atual, desvendando o processo de auto-organização, a luta contra a burocracia sindical e a busca pelo programa não apenas "econômico", mas também político, revolucionário.

A exposição do tema em aula partiu da leitura inicial que os e as estudantes já haviam feito para saltar seis anos na história e resgatar a nova experiência que as trabalhadoras terceirizadas da USP haviam protagonizado, agora na empresa

União. Estes seis anos não passaram "batido", trouxeram uma crise internacional de proporções históricas e nacionalmente ascendeu a primeira presidenta mulher ao poder. Ou seja, as terceirizadas da USP encontravam-se depois de seis anos em outra situação política, o que foi levado em conta para organizar a sua luta de mais de 30 dias. Nesta greve da União, mais de 400 trabalhadoras da limpeza se levantaram contra as péssimas condições de trabalho e contra o atraso nos salários. Buscaram, além de seu próprio Sindicato, o Siemaco, e o Sintusp, que é o Sindicato dos Trabalhadores da Universidade de São Paulo.

A princípio houve uma "duplicidade" de representação política, mas rapidamente as trabalhadoras rejeitaram o Sindicato pelego que juridicamente as representa, enquanto seus "líderes" diziam para as trabalhadoras esperarem em casa. Ao contrário disso, elas se alçaram como sujeitos da própria luta e de seu próprio destino, e colocaram em prática uma das premissas fundamentais do próprio Sintusp, que é a unidade das fileiras operárias.

Foram dias e mais dias de aprendizado na democracia operária, organizando as primeiras assembleias, as comissões de trabalhadores, debatendo os problemas específicos da luta,

mas questões que transcendiam, como a luta contra a precarização do trabalho a nível nacional - que se materializou numa carta direcionada aos operários de Jirau, Rondônia, que recém protagonizaram uma rebelião "explosiva" em seus canteiros de obra - e também temas como a violência contra as mulheres, quando uma das trabalhadoras havia sido agredida pelo marido, e a partir daí um grande debate e também algumas medidas foram tomadas coletivamente.

A fortaleza, também, se deu em torno da potencialidade que as trabalhadoras tiveram em buscar aliados entre os outros setores da Universidade, como os estudantes e professores. Surgiu um grande movimento democrático contra o trabalho semi-escravo, e a luta pelo programa de "efetivação sem necessidade de concurso público" enraizou-se em setores mais amplos do que o próprio Sintusp, que há anos defende esse programa.

Em suma, a confluência entre um Sindicato combativo e classista, que contém dentro dele uma ala revolucionária, somada à explosividade e espontaneidade destas 400 mulheres trabalhadoras, imbuídas de uma estratégia de luta correta, foi o que permitiu fazer da luta da União um novo capítulo da história das trabalhadoras terceirizadas da USP, a partir

das lições da luta de 2005, que é retratada no livro "A precarização tem rosto de mulher". Não à toa, a primeira "atividade de greve", em 2011, foi justamente o lançamento deste livro, onde muitas trabalhadoras se recordavam da luta de 2005, pois também haviam participado.

O resgate deste processo com a ilustração de uma série de acontecimentos, discussões e debates, levou diretamente a discussão sobre o corte feminino diante do problema da precarização do trabalho, a compreensão de que a luta contra a precarização não é uma luta contra os "excessos do capital", mas deve ser essencialmente uma luta anti-capitalista e, portanto, revolucionária e que a auto-organização dos trabalhadores só terá seu correspondente histórico se a vanguarda desta classe estiver organizada em um partido revolucionário.

Num debate vivo e questionador do papel do professor, dos trabalhadores e estudantes enquanto militantes pela classe trabalhadora, a luta de classes tomou seu lugar nas salas de aula da PUC-SP, com protagonismo das mulheres trabalhadoras. E isso é um pequeno, mas grande feito!

Diana Assunção é ex-aluna de História da PUC-SP, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp) e militante da LER-QI

GAUCHE NA VIDA

Chomsky: Romney e Obama evitam meio ambiente e guerra nuclear

Agora que o espetáculo da eleição presidencial está chegando ao seu clímax, é útil perguntar como as campanhas políticas abordam os temas mais cruciais que enfrentamos.

A resposta é singela: abordam mal ou não abordam, simplesmente. Neste caso, surgem algumas perguntas importantes: porquê e o que podemos fazer a esse respeito? São dois temas de suma importância, porque o destino das espécies está em jogo: desastre ambiental e guerra nuclear.

O primeiro aparece regularmente nas primeiras páginas. Em 19/9, por exemplo, Justin Gillis reportou, no *The New York Times*, que o degelo dos glaciares do Ártico já terminou, este ano, mas não antes de ultrapassar o recorde do ano anterior, e de fazer soar o alarme sobre o rápido ritmo de mudança climática da região.

O degelo é muito mais veloz do que havia previsto o mais recente relatório da ONU sobre aquecimento global. Os novos dados indicam que o gelo durante o verão poderá desaparecer em 2020, com graves consequências. As estimativas previam o desaparecimento do gelo do Ártico no verão somente em 2050.

Os governos, no entanto, não responderam à mudança climática com qualquer urgência maior para limitar as emissões de gases de efeito estufa, escreve Gillis. Ao contrário, a sua resposta principal tem sido planejar a exploração dos minérios recentemente tornados acessíveis no Ártico, inclusive a perfuração para extrair mais petróleo; quer dizer, acelerar a catástrofe.

Esta reação demonstra uma extraordinária disposição para sacrificar as vidas de nossos filhos e netos em troca do lucro de curto prazo. Ou, quem sabe, uma igualmente notável disposição para fechar os olhos e não ver o perigo iminente. Isso

não é tudo. Um novo estudo do Monitor de Vulnerabilidade Climática apontou que a mudança climática causada pelo aquecimento global está desacelerando a produção econômica mundial em 1,6% ao ano e conduzirá a uma duplicação dos custos de produção nas próximas décadas. O estudo foi amplamente divulgado em toda a parte, mas os norte americanos foram poupados dessa notícia inquietante.

Os posicionamentos de democratas e republicanos sobre o tema clima foram analisados na edição de 14/9 da revista *Science*. Num caso raro de bipartidarismo partidário, ambos os partidos pedem que pioremos o problema. Em 2008, ambos os programas de governo tinham dedicado certa atenção à forma como o governo deveria abordar a mudança climática.

Hoje, o tema quase desapareceu da plataforma republicana, a qual, no entanto, exige que o Congresso tome rápidas providências para evitar que a Agência de Proteção Ambiental (EPA, na sua sigla em inglês), criada pelo presidente Nixon em dias mais sensatos, regule a emissão dos gases de efeito estufa. E devemos flexibilizar a proteção ambiental do Alaska, de modo a permitir a perfuração e a exploração de todos os recursos norte americanos que foram concedidos por Deus. Não podemos desobedecer ao Senhor, afinal de contas.

O programa também declara que devemos restabelecer a integridade científica às nossas instituições públicas de pesquisa e retirar os incentivos estatais ao financiamento da pesquisa: termos cifrados do conhecimento científico climático.

O candidato republicano Mitt Romney, visando escapar do estigma do que entendia há anos ser a mudança climática,

declarou que não há consenso científico, assim como que deveríamos apoiar mais debates e investigações científicas; mas não ações, exceto para agravar mais os problemas.

Os democratas mencionam na sua plataforma que existe um problema e recomendam que deveríamos trabalhar com vista a um acordo para estabelecer limites às emissões, em uníssono com outras potências emergentes. Mas isso é tudo.

O presidente Barack Obama enfatizou que devemos conseguir 100 anos de independência energética aproveitando a técnica de fratura hidráulica, e outras tecnologias, sem se perguntar como o mundo sobreviverá depois de um século das práticas atuais.

O segundo tema importante é a guerra nuclear, que também está nas primeiras páginas dos jornais, mas numa forma que assombraria um marciano que observasse as estranhas atividades na Terra.

A ameaça atual está, de novo, no Oriente Médio, especificamente no Irã: quer dizer, pelo menos segundo o Ocidente. No Oriente Médio, os Estados Unidos e Israel são considerados ameaças muito maiores.

À diferença do Irã, Israel nega-se a permitir inspeções ou a firmar o Tratado de Não-Proliferação Nuclear. O país tem centenas de armas nucleares e sistemas de lançamento avançado e um longo histórico de violência, agressão e ilegalidade, graças ao absoluto apoio norte americano. Se o Irã tenta desenvolver armas nucleares a espionagem dos EUA não sabe.

No seu relatório mais recente, a Agência Internacional de Energia Atômica disse que não se pode afirmar a ausência de material nuclear e de atividades não declaradas relativas com o enriquecimento de urânio no Irã; trata-se de uma forma

indireta de condenar o Irã, como quer os Estados Unidos, na medida em que admite que a agência não pode acrescentar nada às conclusões da espionagem norte americana.

Portanto, ao Irã deve negar-se o direito de enriquecer urânio, que está garantido pelo Tratado de Não-Proliferação Nuclear, e é apoiado pela maior parte do mundo, inclusive pelos países não alinhados que recentemente estiveram reunidos em Teerã. A possibilidade de o Irã desenvolver armas nucleares surge na campanha eleitoral.

Duas posições se contra-põem: os Estados Unidos deveriam atacar o Irã se o país obtiver a capacidade de desenvolver armas nucleares de que dezenas de outros países desfrutam? Ou Washington deveria manter a linha vermelha mais indefinida?

A segunda postura é a da Casa Branca. A primeira é a dos israelitas belicosos e aquela aceita pelo Congresso dos Estados Unidos. O Senado votou 90 a 1 a favor da postura israelita.

Inexistente no debate é a forma óbvia de mitigar ou de por fim a qualquer ameaça que se pudesse acreditar que o Irã representa: estabelecer uma zona livre de armas nucleares na região. A oportunidade está disponível facilmente: uma conferência internacional ocorrerá nos próximos meses para discutir este objetivo, apoiado por quase todo mundo, inclusive a maioria dos israelitas.

O governo de Israel, no entanto, anunciou que não participará até que haja um acordo de paz geral na região, que não é alcançável enquanto Israel persistir nas suas atividades ilegais nos territórios palestinos

continua na próxima página

continuação da página anterior

ocupados. Washington mantém a mesma postura, e insiste que Israel deve ser excluído de qualquer acordo regional desse tipo.

Podemos estar marchando para uma guerra devastadora, possivelmente até nuclear. Existem formas claras de superar essa ameaça, mas não serão adotadas, a menos que haja um ativismo público em grande escala que exija que a oportunidade seja aproveitada. Isso, por sua vez, é altamente improvável enquanto esses temas se mantiverem fora da agenda, não só no circo eleitoral, mas na mídia e no grande debate nacional.

As eleições são operadas pela indústria das relações públicas. A sua tarefa fundamental é a publicidade comercial, que está desenhada para minar os mercados, criando consumidores desinformados que tomarão decisões irracionais; totalmente o oposto de como se supõe que funcionam os mercados, mas certamente familiar a qualquer um que tenha visto a campanha eleitoral na televisão.

É simplesmente natural que, quando chamada para operar eleições, a indústria adote os mesmos procedimentos em benefício de quem as paga, os quais necessariamente não querem ver cidadãos informados tomando decisões racionais.

Em todo caso, as vítimas não têm de obedecer. A passividade poderia ser o caminho fácil, mas dificilmente é honroso.

Noam Chomsky, no La Jornada
Fonte: Carta Maior.
Tradução: Katarina Peixoto
http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=196196&id_secao=9
Adaptado.

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

Povos Guarani e Kaiowá divulgam relatório contra expulsão de aldeia

Reunidos em Aty Guasu, espaço de deliberação máxima dos povos Guarani e Kaiowá, lideranças indígenas da região encaminharam no dia 16/10 um relatório que reflete a situação atual dos povos originários de Passo Piraju, terra tradicional, em Dourados, Mato Grosso do Sul, que vive em constante tensão litigiosa.

O relatório repudia a ordem de despejo dada pela justiça do estado e expressa a indignação indígena diante da possibilidade de voltar a ficar sem terra no próximo período.

Boa parte das famílias que hoje moram na região em disputa já viveu a experiência de ficar às margens das estradas do Mato Grosso, morando debaixo de lonas e ao lado do perigo constante de estradas federais. "Aqui no Passo Piraju, nós estamos bem felizes,

já faz dez anos que superamos a miséria e a fome em que vivíamos na beira da estrada despejada", afirma um das lideranças no relatório.

Segundo este, aliás, os povos Guarani e Kaiowá estão dispostos a demarcar com sangue as terras tradicionais que hoje lhes são negados. Eles afirmam que irão resistir conjuntamente até calar o último suspiro de vida de um índio da região. "Nós não vamos sair! Nós vamos morrer todos juntos aqui!", diz uma das palavras de ordem constantemente gritadas pelas comunidades.

O relatório da Aty Guasu mostra fotos de escolas, plantações e espaços de vivência indígena construídos nos últimos anos pelos povos Guarani e Kaiowá e pode ser encontrado no site da APROPUC.

Campanha de apoio à causa indígena

A Associação dos Juizes pela Democracia (AJD), em parceria com o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), lançou campanha de apoio à causa indígena com três reivindicações principais: contra a PEC 215, pela demarcação das terras tradicionais e pela urgência nos julgamentos.

A campanha tem assinatura de mais de 50 entidades da sociedade civil e é subscrita por personalidades como os atores Wagner Moura e Leticia Sabatela, os juristas Dalmo Dallari e Fabio Konder Comparato, o escritor Eduardo Galeano, o jornalista Fernando Morais e os políticos Plínio de Arruda Sampaio e Noam Chomsky. Para ter mais informações e assinar a campanha, acesse www.causaindigena.org.

Sociedade civil peruana se organiza para barrar Projeto Conga

Está circulando na internet uma petição pública que visa barrar a construção no Peru do Projeto Conga, que prevê investimento de 4,8 bilhões de dólares na construção de minas de ouro em Cajamarca, região circundada por lagos e com populações ribeirinhas tradicionais.

Segundo a petição, que pode ser acessada por endereço eletrônico (www.avaaz.org/en/petition/stop_the_conga_mining_project_2), a Newmont Mining, empresa concessionária das obras, tem largo histórico de conflitos sociais e ambientais.

Somado a isso, há denúncias da população local de que o governo agiu de modo antidemocrático, sem consultar em nenhum momento as comunidades antes de fechar acordo com a empresa.

Além disso, o Projeto Conga, ainda de acordo com a petição, destruirá cinco rios e mais cinco lagos montanhosos em Cajamarca, e não resultará no aumento da taxa de emprego na região, uma das mais pobres do Peru.

No primeiro semestre desse ano, o jornal **PUCViva** divulgou entrevista com o militante indígena peruano

Hugo Blanco, na qual ele discorre sobre o Projeto Conga e demais projetos ligados à extração de minérios e de água no Peru, que são as duas principais matérias primas do país. Dias após a entrevista, aconteceu no Peru uma massiva mobilização social em defesa do meio ambiente denominada Marcha das Águas, que atravessou o país para debater com a população o fenômeno da privatização das águas e das riquezas peruanas. Até o fechamento dessa edição, a petição já contava com mais de 12 mil assinaturas.

ROLA NA RAMPA

Professor e ex-alunos da PUC-SP recebem o prêmio Vladimir Herzog de Jornalismo

Os ex-alunos do curso de Jornalismo da PUC-SP Pedro Ribeiro Nogueira, Gabriela Moncau, Ana Carolina Andrade e Otávio Nagoya (que também foram estagiários do **PUCviva**) e Paula Salati, juntamente com o professor Hamilton Octavio de Souza, do Departamento de Jornalismo, conquistaram o prêmio Vladimir Herzog na categoria Revista pela edição especial da Revista *Caros Amigos* sobre a Comissão da Verdade. A edição traz matérias sobre os crimes cometidos no período da Ditadura Militar,

como os donos do capital auxiliaram o terror do Estado, a impunidade dos militares, sendo que alguns ainda estão na ativa, o papel da imprensa golpista durante os anos do governo militar, a falta de esclarecimento da parte do Estado sobre os crimes e as ditaduras militares em outros países.

O prêmio, que será entregue na terça-feira, 19h30, no TUCA, um dos de maior relevância no jornalismo brasileiro e foi criado pelo Sindicato dos Jornalistas de São Paulo para premiar trabalhos que tiveram destaque na área dos Direi-

tos Humanos. Além disso, haverá o início do Projeto 1000 em 1, onde, durante o período de um ano, 100 duplas de estudantes de Jornalismo terão a chance de entrevistar grandes jornalistas brasileiros e contar, em depoimentos de 10 minutos em vídeo, as histórias por trás de 1000 reportagens premiadas. Para conhecer o projeto, promovido pela empresa Oboré, acesse o site www.reporterdefuturo.com.br, e para saber mais sobre o prêmio, acesse www.premiovladimirherzog.org.br.

Novo site da APROPUC

A APROPUC teve seu site reformulado para tornar a navegação mais dinâmica e simples. Agora as seções ficam expostas no cabeçalho do site, com visual mais limpo e mais fácil de se encontrar as informações necessárias. As notícias estão posicionadas divididas por seção logo abaixo do banner interativo, onde as principais reportagens ou avisos ficam em destaque. Ainda é possível encontrar links diretos para as redes sociais da entidade. O endereço do site, no entanto, continua o mesmo. Conheça o novo site da APROPUC em www.apropucsp.org.br.

Semanas de Geografia e Economia agitam a PUC-SP

Os cursos de Economia e Geografia realizaram suas semanas acadêmicas na última semana. A primeira ocorreu entre os dias 15 e 18/10, com o tema "O horizonte do Brasil frente às atuais transformações mundiais" que norteou palestras sobre a crise econômica, transformações sociais, desenvolvimento, economia no governo Dilma, inserção latino-americana na economia global e contou com a presença de especialistas em Economia de várias universidades do estado de São Paulo, como a Unicamp, a USP, e a própria PUC-SP. O

evento foi organizado pelo Departamento de Economia da PUC-SP, programas de pós-graduação em Economia Política e em Economia da Mundialização e do Desenvolvimento e CA Leão XIII. A Semana de Geografia, por sua vez, discutiu o tema "A ordem do olhar científico em questão", com palestras entre os dias 15 e 17/10. As atividades discutiram Migração e Trabalho, Iconografia e Representação e também Cartografia Geotécnica e seu papel político, e foi organizada pelo Departamento de Geografia da universidade.

Carteirinhas da APROPUC já estão disponíveis

A APROPUC informa que as carteirinhas da entidade com validade até 2014, já estão disponíveis nos escaninhos de todos os professores associados. A nova edição da revista *Cultura Crítica*, sobre a cultura HipHop, também está disponível nos escaninhos dos professores em suas unidades. Mais informações pelo telefone 3865-4914 ou na sede da entidade, na rua Bartira, 407 (falar com Regina ou Billy).

AFAPUC atende em novo horário

A AFAPUC, temporariamente, trabalhará em regime de plantão. Entre segunda e sexta-feira, a associação estará aberta entre 13h e 16h, no prédio da Fundação São Paulo, na rua João Ramalho, 182, 7º andar. Também haverá atendimento por telefone no número 3670-3391.

CA Leão XIII realiza eleição

O CA Leão XIII realizará as eleições para escolher a próxima gestão durante esta semana. O debate entre as chapas está marcado para o dia 23/10, às 19h. Até o fechamento desta edição do **PUCviva**, a comissão eleitoral não havia definido se haveria debate no período da manhã e nem a sala onde acontecerá o da noite. A votação será apenas durante o dia 25/10, e duas chapas estão concorrendo: Rugido do Leão e FEA Forever.

Encontro de ex-alunos acontece esta semana

O 23º Encontro de Ex-Alunos acontece na quarta-feira, 24/10, às 19h30, no TUCA. As inscrições online estarão disponíveis até segunda-feira, 22/10, pelo site www.pucsp.br/ex-alunos, mas os interessados

poderão se inscrever no próprio evento. Além das homenagens ao aniversário de 66 anos da PUC-SP, aos professores e turmas de ex-alunos, haverá uma homenagem à Fonoaudiologia da PUC-SP que faz 50 anos de

graduação, 40 de pós e 25 anos da revista *Distúrbios da Comunicação*. Foi criado um site de Fono para esta comemoração e uma Mostra Científica que pode ser conferido em www4.pucsp.br/fono50anos.